

# Por que a economia não cresce?

» TONY VOLPON

Estrategista chefe da Wealth Hight Governance (WHG), foi diretor do Banco Central

A economia brasileira esqueceu como crescer. Isso é algo impressionante quando lembramos que a nossa economia foi uma das que mais cresceram no mundo no período pós-guerra até os anos 1980. O desastre da última década espanta: entre 2011 e 2021, o PIB per capita ajustado pela inflação caiu 5,4%, performance pior que durante a década perdida dos anos 1980, designação para o período financeiro de crise na América Latina vivida na época. Imagino que, para a grande maioria das pessoas, a resposta para a pergunta por que o Brasil não cresce é bastante óbvia. Todos parecem ter a resposta na ponta da língua.

Para muitos com uma visão mais liberal, nossa falta de crescimento é fruto de uma série de falhas institucionais e um Estado grande, gerando um desequilíbrio fiscal perene. Para aqueles com visão mais progressista, a falta de crescimento vem de uma postura fiscal que tem, cada vez mais, penalizado o investimento público e uma política econômica que tem levado à progressiva desindustrialização da economia.

O que eu gostaria de argumentar aqui é que, na verdade, a resposta não é, de fato, tão óbvia. Quando olharmos um conjunto de mudanças e eventos dos últimos anos, a falta de crescimento acaba sendo, senão misteriosa, pelo menos bem mais complexo do que parece à primeira vista.

Começamos com uma comparação. Vamos admitir que boa parte dos fatores, normalmente citados para descrever o baixo crescimento da economia brasileira,

sejam verdadeiros. Mas também é verdade que muitos desses fatores são compartilhados por outras economias emergentes, especialmente no nosso continente. Por exemplo, a desindustrialização é um fenômeno que tem ocorrido em várias economias latinas. Outro exemplo seria a instabilidade macroeconômica, algo comum na nossa região.

Todos esses fatores em comum deveriam levar a uma alta correlação do crescimento da região, mas não é isso que observamos. Olhando para Brasil, Argentina, Chile, México, Peru e Colômbia, desde dezembro de 2009 até hoje (assim, incluindo o ano de 2010, quando o Brasil cresceu 7,5%), vemos que o Brasil teve, de longe, o pior crescimento da região.

Para aqueles que acham que a instabilidade fiscal/monetária é uma das grandes causas da falta de crescimento, notamos que a Argentina cresceu 11,8%, contra avanço de 4,2% do Brasil. A comparação com os países andinos, muitos deles com vários episódios de instabilidade política, é uma vergonha: a Colômbia cresceu 47,5% e o Peru 54,3%. O Chile, que também tem tido recentes episódios de instabilidade política, cresceu 48%. Até o México, que ostenta uma economia altamente concentrada e de baixa produtividade, cresceu 19,8%. Houve também nesses últimos anos muitas reformas e mudanças na nossa economia que deveriam ter contribuído para um crescimento maior.

Apesar das reclamações usuais contra nosso sistema político, várias reformas têm sido aprovadas nos

últimos anos. Na questão fiscal, tivemos a aprovação da regra do teto dos gastos em 2016, que disciplinou o crescimento de gastos, e que, somente agora, sofre questionamentos mais severos com as decisões tomadas nos últimos meses. Houve a reforma da Previdência, que derrubou fortemente o gasto com essa rubrica. Tivemos também várias reformas setoriais e, se não foram feitas muitas privatizações, houve uma série de concessões em vários setores.

Houve outros fatores que deveriam ter ajudado o crescimento. Desde 2011, o Brasil recebeu US\$ 801 bilhões em investimentos estrangeiros diretos, uma das maiores cifras do mundo. Nossa taxa de investimento médio, desde 2011, foi de 17,8% do PIB, não muito diferente do período 2000-2010, quando investimos 18,2%. Entre 2017 e 2021, houve R\$ 412 bilhões de emissões de títulos nos mercados de capitais, contra R\$ 295 bilhões entre 2010 e 2014 (dados ajustados pelo IPCA). E talvez o mais importante: entre 2011 e 2021, a taxa real de juros foi de 2,8%, contra 8,4% entre 2000 e 2010.

O mistério da falta de crescimento fica evidente quando consideramos esse conjunto de fatos. Eu tenho algumas hipóteses (mas muitas dúvidas) para explicar nossa misteriosa falta de crescimento, mas seria muito salutar, especialmente neste ano eleitoral, que nossos economistas, de todos os campos ideológicos, tivessem um pouco mais de humildade nessa questão para nos ajudar a sair das respostas prontas, e ter um verdadeiro e construtivo debate.

## Revogar a reforma trabalhista é retrocesso

» RODRIGO NUNES  
» ALEXANDRE DE CHIARA  
Advogados da área trabalhista

Uma proposta de apelo midiático como a revogação da reforma trabalhista — que completa cinco anos de implementação em 2022 — dificulta uma discussão consistente a respeito dos avanços e limitações desta legislação. É importante notar que a revogação dos dispositivos da reforma seria fonte de grande insegurança jurídica, notadamente a eliminação de alguns dispositivos que foram amplamente adotados durante a vigência da reforma.

Exemplo é a homologação do acordo extrajudicial, que reúne a liberdade negocial com a segurança jurídica do reconhecimento da Justiça do Trabalho. Outro dispositivo legal, cuja revogação seria altamente controversa, é a demissão por comum acordo, dispositivo que deu solução à situação bastante habitual nas relações de trabalho em que há interesse mútuo na rescisão, tanto pelo empregado quanto pelo empregador.

A principal característica da reforma trabalhista, quando considerada como um todo, é a promoção do amadurecimento das relações de trabalho, valorizando a livre negociação dos termos do contrato de trabalho e fortalecendo os instrumentos de negociação. As normas atualmente vigentes permitem que sindicatos negociem questões relativas à implementação do trabalho remoto, plano de cargos e salários e até regulamento empresarial, garantindo a legitimidade dos termos negociados.

A reforma também é responsável por trazer elementos importantes para evitar as distorções do regulamento anterior. Nas normas atuais, tem-se, por exemplo, o reconhecimento da existência de uma categoria de empregado que é bem remunerado e qualificado a ponto de poder negociar em nome próprio com maior liberdade. O contrato de trabalho intermitente, em outro exemplo, veio para reconhecer a importância crescente da produção sazonal e das jornadas de trabalho flexíveis.

O esforço de racionalização da legislação trabalhista brasileira representado pela reforma não pode ser ignorado, reduzido a pó. Suas alterações foram construídas com o objetivo de tornar as relações de trabalho mais dinâmicas e abarcar um número maior de situações que demandavam regulamentação.

Há, diversamente, bastante espaço para, por meio de amplo debate, levá-la adiante e promover modificações que tratem, por exemplo, das relações de trabalho entre entregadores ou motoristas de aplicativos, que representam uma parcela cada vez maior e mais jovem da força de trabalho, relações estas que se ressentem nitidamente de proteção previdenciária e da definição de um tipo jurídico que se amolde à realidade. Também há espaço para uma maior e mais detalhada regulamentação sobre o trabalho a distância, modalidade de cuja pandemia consolidou de forma definitiva.

Em conclusão, a revogação da reforma trabalhista traria o aumento da insegurança jurídica no cenário de crescimento anêmico que a economia brasileira enfrenta, negligenciando o endereçamento de demandas mais atuais e urgentes do cenário das relações de trabalho.



## Olhei para cima e a ômicron me pegou

» JOSÉ RICARDO MARQUES

Advogado, é especialista em biossegurança e bioética

O filme *Não olhe para cima*, com Leonardo Di Caprio, Jennifer Lawrence e grande elenco, narra a saga de um cientista e uma estagiária que descobrem um cometa mortal que vem em direção à Terra e vai dizimar com a vida humana. Na verdade, com toda a vida existente.

O roteiro retrata a luta dos cientistas em alertar a presidente da República dos EUA sobre a catástrofe iminente e sua devastação que, em determinado momento, poderia ser impedida. Entretanto, uma bigtec, que financia a campanha da candidata à renovação do mandato, entende que poderia utilizar uma tecnologia para explorar as riquezas minerais do asteroide. Tudo falhou e restou a um menino de rua fazer a última oração a Deus pedindo misericórdia.

Olhei para cima e a variante do Sars-COV-2 me pegou. A ômicron chegou como um cometa, explodiu em praticamente todos os países e vem causando enormes prejuízos. Não estou falando dos milhares de mortos, mas do número de infectados que trará um colapso no sistema de saúde, especialmente a pública.

Estamos diante de uma cepa altamente contagiosa, sem precedentes, que vem alcançando milhões de pessoas por dia, recorde atrás de recorde. Cientistas dizem que fevereiro será dramático e torturante.

Testar, testar e testar é uma das medidas mais racionais que evitará maiores consequências. As vacinas se mostram eficientes, mas não têm eficácia 100%. O médico sanitaria Rodrigo Oliveira, secretário de Saúde do município de Niterói, no Rio de Janeiro, teve atuação exemplar no combate à pandemia e, na sua opinião, este será o século das pandemias e a gestão pública deve enxergar as medidas necessárias como uma maratona e não corrida de 100 metros.

Eu peguei a covid-19, com três doses vacinais, duas AstraZenica e uma Pfizer. Estou com sintomas leves, consultei médico especializado, Edmilson Migowski, que receitou medicação, e estou fazendo uso. Nada de cloroquina. Outro médico também me assiste, Márcio Braga, médico do trabalho e diretor da Polícia Técnica do RJ, entre tantas especializações. Estou otimista que, em pouco tempo, terei minha liberdade de volta,

mas confesso que tomarei mais cuidados.

Uso de máscaras quase que permanentemente, nada de aperto de mãos ou contato físico, nada de aglomerações, nada de festas, vou lavar mais as mãos e procurar quase que com toque, locais limpos e protegidos. Temos que mudar, mudar hábitos e qualidade de saúde. Óbvio que a notícia de estar positivado tem impacto e muitas perguntas, especialmente onde contraí a doença, de quem e qual a sua gravidade. Estive viajando no metrô do Rio de Janeiro, também no VLT, Uber, e em vários ambientes que aparentemente não estavam seguros.

Amigos e famílias normalmente se protegem pouco e sem protocolos adequados, o que certamente proporciona maior velocidade na transmissão. O cometa ômicron vem com força, rápido, sorrateiro, misterioso e insistimos em levar vida normal, como se a pandemia tivesse terminado e a doença, ao matar menos, está controlada. Não olhe para cima, pois pode restar o susto de que estaremos no fim ou no começo de uma tragédia anunciada.